

RESENHA

SANTOS JUNIOR, Jaime. Na trama das identidades – práticas sociais e imagens do trabalho no corte de cana. São Paulo Annablume. 2017.

Lidiane M. Maciel¹

O livro “Na trama das identidades – práticas sociais e imagem do trabalho no corte de cana”, de Jaime Santos Junior, representa, hoje, uma importante contribuição aos estudos da sociologia do trabalho. O livro se dedica às questões referentes às sociabilidades desenvolvidas pelos trabalhadores do corte de cana de açúcar em Sergipe. Esses trabalhadores realizaram, ao longo de gerações, deslocamentos temporários regionais e inter-regionais a procura de emprego e renda. Trata-se de uma reflexão a partir de dados quantitativos e qualitativos levantados durante quatro anos de trabalho de campo no estado de Sergipe. O objetivo maior do primoroso trabalho é confrontar a literatura estabelecida sobre determinados temas, tais como a aparente submissão ao trabalho precarizado nos canaviais, as definições identitárias e, em menor medida, a representação sindical dos trabalhadores rurais.

O êxito da obra está justamente no questionamento de abordagens estabelecidas sobre o setor, e o faz a partir de dados empíricos coletados em campo. O objetivo não é meramente refutar percepções anteriores consolidadas em outros estudos, mas realizar um diálogo crítico cuja finalidade é desenvolver o campo temático a partir de novas constatações apresentadas pelo espaço e tempo social que se dedica: às usinas sergipanas e seus trabalhadores nas últimas décadas. A interpretação das relações entre trabalhadores e patrões no corte de cana-de-açúcar não se reduz à binaridades como “exploradores” e “explorados”, o autor, ao invés disso, concentra-se na ação dos indivíduos e dos grupos, nas negociações presentes na vida cotidiana.

O livro está dividido em cinco capítulos: *O açúcar e o álcool no Brasil e em Sergipe*; *Trabalhadores do eito*; *Calibrando termos e conceitos*; *Caminhos metodológicos*; e por fim, o autor fecha a obra com o capítulo, talvez mais central, intitulado: *Narrativas de vida e trabalho nos canaviais sergipanos*, em que analisa as trinta entrevistas realizadas no trabalho de campo em Sergipe, dando voz aos sujeitos em questão, entendendo-os como autores de suas vidas. A análise se volta à teoria da ação, para discutir estilos de reflexividade, que confrontam e constroem estruturas de relacionamento.

Diferentemente dos estudos que priorizaram as questões emergentes nas grandes áreas produtoras de cana-de-açúcar, Santos Junior (2017) se dedica às áreas e processos sociais “ofuscados” pelo desenvolvimento da região centro-sul, como aqueles de sergipanos quase esquecidos pela produção de literatura sobre o assunto. Talvez, por esse motivo, a obra inicia-se apresentando o contexto de onde fala: Sergipe. Estado de larga tradição no setor que, desde o século XVII, se vincula à produção nacional em maior ou menor medida. No entanto, é o estágio atual de desenvolvimento do setor o

¹ Professora da Faculdade de Educação e Artes (FEA), e do Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP). Doutora em sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail lidianemariamacieli@gmail.com.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5029-7645>

eixo da discussão, concentrando, sobretudo, na circulação de trabalhadores nas usinas dos municípios de Capela, Japoatã, Nossa Senhora das Dores e Laranjeiras, no Vale do Cotinguiba.

O foco da obra não está somente na investigação dos processos de desenvolvimento do setor agroindustrial da cana, mas concentra seu fôlego no estudo dos trabalhadores rurais do circuito sucroalcooleiro do estado de Sergipe e nas tramas das identidades sociais tecidas no cotidiano de cada sujeito. Assim, a estratégia de análise do autor prioriza: “a socialização anterior e ou externa ao trabalho no corte de cana; a socialização nos espaços de trabalho; a experiência da migração e as formas de resistência e conflito” (SANTOS JUNIOR, 2017, p. 124).

Através das riquíssimas entrevistas realizadas pelo autor, a discussão sobre identidade é iniciada a partir dos relatos sobre a infância dos trabalhadores. O trabalho como instância socializadora assume importância significativa no debate. É desde pequeno que os corpos e as emoções começam a ser treinados para o trabalho, eis o “fazer-se homem” pelo trabalho, sob a ética do “bom trabalhador”. É essa dimensão que, segundo o autor, “reforça o vínculo entre os indivíduos e seus grupos de pertencimento, seja na comunidade ou no trabalho” (SANTOS JUNIOR, 2016, p. 135). Muitas vezes o emprego está longe, assim, é necessário deslocar-se, migrar para permanecer.

A migração cuja finalidade é o trabalho serve como estratégia de sobrevivência em meio a condições adversas, uma sobrevivência que não é individual, mas familiar sobretudo. Família, trabalho e migração formam um nó que dificilmente desatará na análise sobre a identidade proposta por Santos Junior. Verifica-se que nos espaços migratórios conciliar trabalho e família pode ser complicado, quase impossível, uma vez que os custos financeiros se elevam muito ao levar a família junto, principalmente para destinos mais distantes, como as usinas de São Paulo, no entanto quando se deixa (a família) são os danos emocionais que aumentam. Em São Paulo, parafraseando os trabalhadores entrevistados por Santos Junior (2017) “ganha-se mais, no entanto, gasta-se mais”. Já a proximidade com suas residências no Sergipe leva os trabalhadores a preferirem ficar, quando possível, nas usinas do estado, considerando que será possível voltar para casa uma vez por mês.

No entanto, as decisões (de “partir” ou “ficar”) são tomadas considerando diversas variáveis que circulam na rede informacional entre os trabalhadores. O que se leva em consideração são, sobretudo, as condições de trabalho, os alojamentos e os salários entre as usinas de Sergipe e de São Paulo. São elementos que compõem o cálculo que permite, ou não, os deslocamentos. Assim, verifica-se que “ficar” ou “partir” é uma condição quase sempre marcada pelo imponderável, é quase impossível de ser definido previamente; essa decisão está sujeita ao tipo de informação que circula sobre as condições de trabalho nas usinas de São Paulo e de Sergipe.

Após reconstruir os contextos sociais dos trabalhadores a que se dedica a estudar, Santos Junior enfatiza a construção das identidades dos mesmos, tema central do livro. As identidades são fundadas, especialmente, no ambiente do trabalho. Os entrevistados de Santos Junior, por exemplo, apresentam resistência às identidades “deterioradas”, que podem representar estigmas sociais vinculados ao trabalho rural. Numa tentativa de valorização da prática desenvolvida nos canaviais, os entrevistados recorrem ao imaginário da força robusta, necessária ao cortador.

A imagem quase que mítica do nordestino “cabra”, signo de virilidade, leva alguns trabalhadores até mesmo a menosprezarem suas condições de saúde. A identidade de “trabalhador rural” atribuída formalmente, designada pelo Ministério do Trabalho e chancelada na carteira de trabalho, deve ser complementada pela identidade de “bom trabalhador”. É “bom trabalhador” aquele que controla sua produtividade, mantendo-a nem alta, nem baixa. É certo que o indivíduo que mais produz possui certo prestígio em meio ao grupo, mas também se nutre sobre ele algum grau de desconfiança, sendo visto como “usurente”, “egoísta” um tipo quase avarento.

No entanto, a identidade atribuída de “bom trabalhador” só pode ser discutida quando oposta à de “mau trabalhador”, daquele que não faz transparecer em sua apresentação pública a virilidade necessária ao trabalho no canavial. Em outros termos, o discurso sobre a aparente preguiça e fraqueza de alguns trabalhadores pode fazer parte do rol de microressitências cotidianas dos trabalhadores em face das condições adversas de trabalho.

Por fim, tamanha a complexidade das imagens do trabalho no corte de cana, como o título da obra sugere, nos resta investigar o processo social de construção dessas imagens, descritas pelo autor. É necessário questionar as moralidades produzidas em diferentes esferas, contextos e instituições sociais que marcam a vida social dos atores sociais. Compreender quais disputas elas representam, ainda é uma questão aberta. No entanto, o que Santos Junior (2017) já nos apresenta em seu livro é suficientemente necessário para avançarmos no debate sobre as formas de classificação sociais vinculadas ao mundo do trabalho, ainda centrais no debate contemporâneo sobre as identidades sociais.